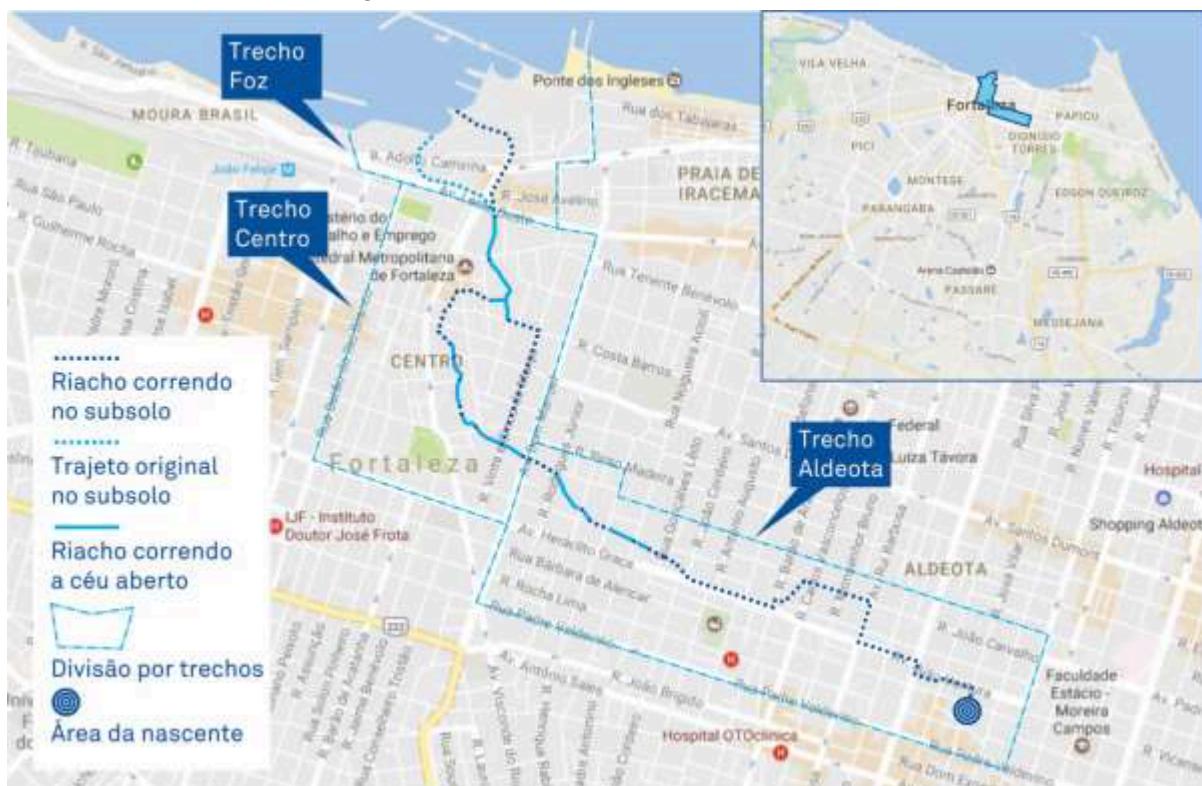


Há um rio aqui embaixo

Conheci o Riacho Pajeú em 2012 quando morei por uma ano nas proximidades da Av. Heráclito Graça. Quem primeiro me falou dele foi uma vizinha desconhecida, aparentava seus 50 e alguns anos de idade, segundo ela nascida e criada na região, que durante uma conversa banal de elevador sobre os transtornos que a chuva causava na Av. Heráclito Graça falou “esses alagamentos acontecem porque há um rio aqui embaixo da avenida”. “O Riacho Pajeú”, continuou ela. Aquela conversa ficou gravada em mim e passei a propagar essa informação sempre que tive oportunidade. Quando a arte passou a se fazer presente em mim e descobri a intervenção urbana, passei a estudar com mais afinco aquele rio que passava debaixo da avenida e que teimava em receber as águas em seu leito - mesmo que este leito seja desviado, canalizado, enclausurado, continua lá o Pajeú, embaixo da terra a receber as águas da chuva. Passei a ver beleza nos alagamentos, respeitei as águas querendo voltar para seu lugar.



O Riacho Pajeú tem sua nascente próximo as ruas Silva Paulet, José Vilar, Bárbara de Alencar e Dona Alexandrina e de lá segue por cerca de 5 km até desaguar no oceano. Como podemos ver no mapa acima elaborada pela pesquisadora Cecília Andrade, boa parte desse percurso do rio encontra-se canalizado e subterrâneo, sobretudo no trecho do bairro Aldeota, apenas podendo ser visto em diversas bocas de lobo colocadas ao longo dos anos para facilitar o escoamento da água pluvial em direção ao leito do rio, somente um pequeno trecho, cerca de 300 metros, o rio corre abertamente pela Aldeota, destes apenas na rua J. da Penha o rio é visível e acessível à cidade. Seguindo em direção ao Bairro Centro, o riacho é visto a céu aberto no Parque Pajeú - onde de maneira subterrânea se liga ao Açude do Garrote, no Parque das Crianças - na parte posterior do Paço Municipal e nos fundos do Mercado Central. Com exceção dos trechos citados, a única chance de se ver o Pajeú é quando chove forte em Fortaleza e a chuva deságua no Riacho, carregando lixo e

sedimentos, fazendo subir o leito canalizado do rio a ponto de transbordar pelas bocas de lobo, causando assim os alagamentos. O Riacho Pajeú se faz presente mesmo que anonimamente nos alagamentos, ele passa a ser visto, re(existe) com a chuva como qualquer rio intermitente.

O trabalho proposto busca trazer à tona a existência do Riacho Pajeú, nomeá-lo, tornar ele presente na via pública para além da época dos alagamentos. Para tal escolhi sinalizar com uma placa de trânsito do tipo informativa seguindo as medidas e regulamentações do Denatran, órgão responsável por dar essas normativas, primeiro para causar estranhamento nos motoristas e pedestres acostumados a fazer a leitura das placas de trânsito ao ver uma informação aparentemente nonsense, segundo para não ser alvo do poder público que poderia retirar a placa por não estar no padrão. A localização da placa se deu na Av. Heráclito Graça entre as ruas Ildefonso Albano e Antônio Augusto por se tratar da região crítica dos alagamentos.

O trabalho foi inicialmente pensado como uma performance que consiste em instalar uma placa de trânsito escrito Riacho Pajeú de tamanho oficial durante um dia de chuva em que o local estivesse alagado. O registro da performance se daria por fotografias e vídeos do processo de instalação da placa. Porém após observações in loco e tentativas de vencer a correnteza mesmo sem a placa mostrou que seria inviável fazer com a área alagada, contudo mantive a ideia da performance ser feita em um dia chuvoso, após uma forte chuva. Posteriormente percebi que além do fotógrafo, seria ideal ter outro performer para me ajudar na instalação da placa. Após a compra da placa de trânsito, abraçadeiras, testes de instalação e definição da equipe, faltava chover forte em um dia em que a equipe estivesse a postos, passei a ser refém da meteorologia, olhava a previsão hora a hora de todos os dias a fim de deixar a equipe de prontidão, após algumas oportunidades perdidas e com o fim próximo da quadra chuvosa, nossas exigências climáticas diminuíram bastante, decidimos fazer a performance após qualquer chuva maior e quando a previsão para os dias seguintes fosse de forte chuva. Até que após uma chuva forte na madrugada no dia 19 de maio resolvemos realizar a performance, registrada a seguir.





